

## O ANDARILHO DO SÃO FRANCISCO

**D**epois de participar do projeto *Palavras e Idéias*, evento patrocinado pela Secretaria Municipal

de Cultura, que teve como figura central a ilustre escritora Amelina Chaves, senti uma invulgar necessidade de reler o seu livro: o *Andarilho do São Francisco*. A sensação que temos é que uma segunda leitura do livro é muito mais cativante do que a do primeiro contato. Nela há outras expectativas, tanto excitantes quanto as primeiras e que nos leva degustar as suas páginas de uma só investida. Talvez seja por isso que o cantador de viola, Teo Azevedo, venha admitir que “*ela mistura isso aí com uma tal ficção e o trem fica bão demais*”. A verdade é que essa ficção não seria de estranhar numa escritora acostumada pelo sentimento da saudade de uma infância perdida no tempo. Por isso a sua irresistível vocação de escritora realiza-se no melhor momento de sua vida.

Amelina Chaves é uma romancista que não pode ser classificada com rótulos de qualquer uma das escolas literárias modernas. Como tan-

tos os grandes escritores de nossa contemporaneidade, na sua obra não há imitações de estilos e nem de modismos, ela é solta e independente. É independente porque é única. É solta porque somente o coração de mãe assim o faz. O estilo é rebuscado, porém a expressão poética é realmente notável. Vejamos esta interessante expressão: “*A lâmparina de luz mortíca desenhava figuras estranhas na parede*”. Quantas vezes, solitário num quarto de dormir, a gente visualizava essas figuras aos quatro cantos da parede! Quantas vezes!

**É** precisamente essa capacidade de ser ela mesma que a sua obra o *Andarilho do São Francisco* varou todas as barreiras de preconceitos, motivou procedimentos diversos na maneira de ser e produziu momentos eróticos. A obra de Amelina Chaves é uma beleza idealizada em si mesmo. Evidentemente com um único objetivo: o de denunciar as desigualdades sociais e morais sobre os viventes da beirada do majestoso Rio São Francisco. Afinal, necessário se faz um grito de alerta.

Uma das abordagens mais impressionantes e enriquecedoras do seu livro é quando a escritora recupera a presença negra como tema central de suas histórias, não obstante torná-lo um andarilho maltrapilho e viciado em sexo. Por outro lado o melodrama enfeitado que envolve o casebre durante uma noite de velório, transporta o leitor para um mundo distante de sua realidade. Somente quem viveu situações análogas como esta é que pode descrever, com tanta firmeza e riqueza de detalhes, o desespero de uma família pobre encravada neste sertão de meu Deus. Nesse mesmo segmento disse o *Turista* com espanto:

Essa escritora deve ser muito pobre para conhecer tanta miséria. Como pode uma mulher descrever tão bem essa realidade? Puxando pela memória que guardava tudo, tentou lembrar seu nome: Amelina Chaves.

O mais instigante, entretanto, fica por conta da união de raças e das classes sociais. O amor de Clarice (*clara; branca e rica*) e Bento (*benedictus; São Benedito; negro e pobre*) forma as diferentes raças entre as suas famílias. Com a sabedoria que lhe é peculiar, Amelina Chaves narra numa história humana, atenta às complexidades coletivas e individuais do ambiente em que vive o homem sertanejo. Tudo que ela escreve, escreve sempre com paixão. Os detalhes são apenas migalhas de

vida. De sua vida comum. Quando ela fala que “*o sol entrava por uma falha da janela de caixote*”, é porque já viu de perto uma *janela de caixote*. Coisas tão comuns nos casebres amontoados ao longo das margens do Rio São Francisco.

Trata-se, na verdade, de uma história romanesca onde o Rio São Francisco é parte integrante dos fatos. O *Rio* abraça o personagem e fala com ele de seus sentimentos. Por sua vez, o personagem dialoga com o *Rio* em seus momentos de angústias e sofrimento, suplicando-lhe proteção. Esse diálogo lembra-nos o livro *Rosinha, minha canoa*, do escritor José Mauro de Vasconcelos, onde a natureza tem voz e vez; onde a natureza é amada e respeitada e onde a natureza é vida!

Em resumo: o *Andarilho do São Francisco* é um romance que, ao longo dos tempos, veio sofrendo pressões das classes sociais e preconceitos nos meios acadêmicos. Além desses temas também é explorado o *misticismo-religioso*. Mas com perspicácia e muito libido, sua autora conseguiu viver plenamente as tormentas das letras, não recusando nem mesmo ao chamado vício do sexo, fato determinante do seu outro livro, intitulado: *O Câncer da Vingança*. Finalmente, as portas fechadas para o amor se abrem para o leitor pelas mãos hábeis de Amelina Chaves. Benza Deus!



